

# EPOCHÉ E OUTROS ASPECTOS DA FENOMENOLOGIA HUSSERLIANA

Reinaldo Batista Cordova

Doutorando em História, Sociedade e Família, pela Universidade de Múrcia, Espanha. Professor de História, no Centro de Estudos Filosófico-teológicos Redemptoris Mater de Brasília.  
E-mail: reinaldo@rmater.org.br

**Resumo:** Este artigo apresenta aspectos da fenomenologia husserliana considerando-a como contribuição original à Ciência, uma vez que se consolida como método de conhecimento inovador e de grande valor heurístico que procura superar o conhecimento natural e intuitivo propondo a ação intencional do sujeito para captar o objeto de conhecimento, a essência dos fenômenos. Isto se dá através da epoché, suspensão do curso dos pensamentos arraigados. Contempla temas como a transcendência, o eu puro, a consciência e a experiência. Destaca a contribuição de Husserl para o pensamento de Karol Wojtyła.

**Palavras-chave:** Epoché. Redução fenomenológica. Transcendência. Consciência. Experiência.

**Abstract:** This article presents aspects of Husserl's phenomenology considering it as original contribution to science, since established itself as innovative method of knowledge and of great heuristic value that seeks to overcome the natural and intuitive knowledge by proposing the intentional action of the subject to capture the object of knowledge, the essence of phenomena. This is done by the epoché, suspension of ingrained thoughts. It includes topics such as transcendence, the pure self, consciousness and experience. It also highlights Husserl's contribution to the thought of Karol Wojtyła.

**Keywords:** Epoché. Phenomenological reduction. Transcendence. Consciousness. Experience.

**Resumen:** Este artículo presenta aspectos de la fenomenología de Husserl considerándola como contribución original a la ciencia una vez que se consolida como un método de conocimiento innovador y de gran valor heurístico que busca superar el conocimiento natural e intuitivo, planteando la acción intencional del sujeto para captar el objeto del conocimiento, la

esencia de los fenómenos. Esto se da a través de la epoché, suspensión del desarrollo de pensamientos arraigados. Abarca temas como la trascendencia, el yo puro, la conciencia y la experiencia. Destaca la contribución de Husserl al pensamiento de Karol Wojtyła.

**Palabras clave:** Epoché. Reducción fenomenológica. Transcendencia. Conciencia. Experiencia.

**Sommario:** L'articolo presenta alcuni aspetti della fenomenologia di Husserl considerata come una contribuzione originale per la scienza, in tanto che si consolida come un metodo di conoscenza innovatore e di grande valore euristico, che cerca di superare la conoscenza naturale e intuitiva proponendo che sia la azione intenzionale del soggetto quella che ci permette di apprendere l'oggetto di conoscenza –cioè l'essenza dei fenomeni– grazie all'epoché, vale a dire, la sospensione di pensieri radicati. Tratta temi come la trascendenza, l'io puro, la coscienza e la esperienza. Risalta il contributo di Husserl al pensiero di Karol Wojtyła.

**Parole chiave:** Epoché. Riduzione fenomenologica. Transcendenza. Coscienza. Esperienza.

**Résumé:** Cet article présente les aspects de la phénoménologie de Husserl la considérant comme contribution originale à la science, une fois que se consolide comme méthode de connaissance innovatrice et d'une grande valeur heuristique qui cherche à surmonter la connaissance naturelle et intuitive proposant l'action intentionnelle du sujet pour capturer l'objet de connaissance, l'essence des phénomènes. Ceci est par epoché, suspension du développement des pensées enracinées. Comprend des sujets comme la transcendence, le pur soi, la conscience et l'expérience. Souligne la contribution de Husserl à la pensée de Karol Wojtyła.

**Mots-clés:** Epoché. Réduction Phénoménologique. Transcendance. Conscience. Expérience.

## 1. INTRODUÇÃO

Existe uma máxima quando se examina a obra de Edmund Husserl, que afirma ser um pensamento extremamente denso e de complexo entendimento. Se os grandes intérpretes afirmam ser a fenomenologia husserliana difícil de ser assimilada, é por que ela requer uma leitura mais detalhada; e, principalmente, necessita que o sujeito se desprenda de conceitos arraigados no pensamento Ocidental. Assim, será possível adentrar o “mundo” proposto por Husserl.

Para lograr alcançar um entendimento acerca da Fenomenologia, o indivíduo que se dispõe a estudar dita filosofia precisa passar por um dos mais elementares aspectos da proposta husserliana, a saber: a redução fenomenológica. Aspecto abordado em diversas obras que tratam do estudo do fenômeno.

## 2. O OBJETO FORA DE CIRCUITO

Antes de iniciar propriamente a exposição de sua tese acerca da redução fenomenológica, Husserl sentiu a necessidade de explanar o que era a ciência natural de sua época, bem como as peculiaridades que lhe eram inerentes. Para começo da análise, descreveu e criticou a atitude natural da ciência que se concedia a primazia sobre o saber. “Colocar a natureza fora de circuito foi para nós o meio metódico de possibilitar que o olhar se voltasse para a consciência transcendental pura”<sup>1</sup>. No processo, realizou a desconstrução de conceitos enraizados no senso comum. Somente dessa maneira poderia dar continuidade a seu labor de estabelecer novos princípios para a ciência do século<sup>2</sup>.

Essa noção recorda outra situação que, apesar de ocupar áreas distintas do saber, pode contribuir para o entendimento do afirmado acima. Quando observamos a obra de Pablo Picasso, principalmente seus estudos e leituras

---

<sup>1</sup> HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*, 2006, p. 131.

<sup>2</sup> Cf. FERREIRA, Elizia Cristina. A fenomenologia husserliana e a ruptura com a tese da atitude natural. *Tempo da Ciência*. 2006.

de artistas como Velázquez e El Greco, nos deparamos com um artista transgressor. Entretanto, ele era um amante e profundo conhecedor da arte moderna, daqueles que eram objetos de sua desconstrução. Sua transgressão só era possível por que ele compreendia, talvez melhor que a maioria dos artistas e críticos, a riqueza e o valor de cada uma daquelas pinceladas e traços das obras transformadas<sup>3</sup>.

Caminhando por essa senda analítica, seria possível esboçar uma pequena comparação entre as atitudes de Picasso e Husserl. Antes de rejeitar e desconstruir o saber estabelecido, é necessário conhecê-lo em profundidade. Somente assim, a crítica poderá ser acolhida com segurança, pois estará baseada em sólida estrutura. O filósofo, portanto, teria agido dessa maneira ao descrever em minúcias a atitude natural, para posteriormente tecer suas críticas e apresentar uma alternativa a ela.

No mesmo sentido, encontramos Derrida, filósofo contemporâneo reconhecido por seu projeto “desconstrutivista”. Alguns anos antes de falecer, em 2001, disse que em muitas ocasiões fora mal interpretado, pois muitas pessoas o citavam para justificar a desconstrução de um saber ou de um conceito, como se ele fosse um relativista ou um cético. Sem embargo, ele se justificava dizendo que pensar a desconstrução não deveria ser afrontado como algo negativo, senão como a “dessedimentação” de um saber<sup>4</sup>. Seu posicionamento filosófico estava dirigido para reformular ideias arraigadas na mentalidade ocidental, que não correspondiam mais aos anseios humanos.

Creemos que Jacques Derrida respeitava profundamente os objetos “desconstruídos”, caso contrário, permaneceria na superfície, propondo uma transformação aparente, sem adentrar-se no problema real. Por tanto, compreender realmente o objeto fazia parte do labor empreendido pelo pensador francês. Neste ponto, percebemos uma semelhança com o postulado de Edmund Husserl.

<sup>3</sup> Cf. NAVARRO, Javier Herrera. El joven Picasso en el Museo del Prado. *Boletín del Museo del Prado*. 1994.

<sup>4</sup> Cf. NASCIMENTO, Evando. A solidariedade dos seres vivos: Entrevista com Jacques Derrida *Caderno Mais*. 2001.

Seria muita petulância (e provavelmente errôneo) dizer que Husserl amava a atitude natural. Sem embargo, verifica-se que era profundo conhecedor dessa concepção filosófica de tal forma que poderia propor algo para alterar a maneira de se alcançar o conhecimento; esse sim, visto com afeição.

A fundamentação da análise crítica de Husserl estava situada na superação da ingenuidade vislumbrada na atitude natural. Seu ímpeto pela reedificação da filosofia, como força motriz do conhecimento contemporâneo, conduzia-lhe no sentido de suspender todos os saberes anteriormente tidos como verdadeiros. A realização de uma atitude radical como essa tinha consequências profundas na elaboração dos saberes. A suspensão dos valores pretendia colocar em cheque a produção pretérita. Isso havia sido tentado por Descartes, mas agora dita proposta era apresentada sem o ceticismo cartesiano<sup>5</sup>.

Essa postura de suspensão dos saberes naturais foi denominada de transcendental, a fim de diferenciá-la em diversos graus da atitude natural. A mudança não se restringia exclusivamente ao nível etimológico, senão a aspectos muito mais profundos, capazes de transpor as visões viciadas ou contaminadas da ciência, por uma nova maneira de iluminar as coisas, indo ao encontro delas, na origem de sua significação, as quais se desvelariam na consciência para em seguida serem descritas.

Nas palavras de Husserl: "a Fenomenologia é então, com efeito, uma disciplina *puramente descritiva*, que investiga todo o campo da consciência transcendental pura na *intuição pura*"<sup>6</sup>. A consciência integraria a investigação, pois é ali que se dá a significação. Além disso, a partir das proposições husserlianas, a consciência estaria relacionada à intencionalidade, percebida como um reportar-se ao ato de consciência voltado para outra coisa.

Outro ponto bastante delicado nas proposições de Husserl, diz respeito à intuição vista como a capacidade de conhecimento de um objeto; seria a

<sup>5</sup> Cf. HUSSERL, E. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. 2001 e FERREIRA, E. C. A fenomenologia husserliana e a ruptura com a tese da atitude natural. *Tempo da Ciência*. 2006.

<sup>6</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006, p.136

consciência imediata de alguma coisa. Apesar de sua importância, a intuição não seria suficiente para a elaboração de um entendimento adequado acerca da coisa<sup>7</sup>. O sujeito deveria pôr-se em movimento, caso contrário, perderia a oportunidade de conhecer a verdadeira coisa<sup>8</sup>.

De acordo com o defendido por Elizia Cristina Ferreira<sup>9</sup>, a Fenomenologia (e mais especificamente a redução fenomenológica) não pretende isolar-se. O intuito é conduzir o analista ao conhecimento. Em realidade, a “redução” pretende conduzir o sujeito para um conhecimento mais profundo do que sua predecessora, a saber: a atitude natural. Procura abandonar a superficialidade de uma observação simplesmente despretensiosa, quando se declara objetiva. Anela desvelar as nuances mais ocultas dos entes, tornando possível o conhecimento dos objetos, sejam sensíveis ou insensíveis.

A expressão empregada por Ferreira<sup>10</sup> é que a atitude natural é *ingênua*. Isso porque acredita ser capaz de dar conta de todos os matizes da natureza, quando em realidade é limitada por seus mesmos princípios. Isso devido ao risco de se incorrer em atitudes tendenciosas, sem contar com a possibilidade de incidir em resultados contaminados por ideias discriminatórias ou preconceituosas, em virtude da filosofia ou pensamento adotado à hora de observar o objeto.

Husserl, ao promover uma teoria capaz de sintetizar uma alternativa à atitude natural, oferecia um caminho distinto para se alcançar o objeto. Dessa vez sem cometer o “pecado” de ingenuidade. Ou seja, promovia a suspensão dos valores, juízos e métodos, empregados pela antecessora<sup>11</sup>. Assim, de acordo com seus postulados, se alcançaria o objeto de maneira mais pura, ou seja, sem contaminações.

---

<sup>7</sup> DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. 2007, p. 28.

<sup>8</sup> FERREIRA, 2006, op. cit., p. 71.

<sup>9</sup> Cf. FERREIRA, 2006.

<sup>10</sup> FERREIRA, E. C. A fenomenologia husserliana e a ruptura com a tese da atitude natural. *Tempo da Ciência*. 2006, p.71.

<sup>11</sup> DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. 2007, p. 44.

Uma das principais críticas tecidas à atitude natural não diz respeito à forma de apreensão das coisas, que estão ao alcance do sujeito, senão a uma prática, nociva e ilusória por sua simplicidade: a de evitar a reflexão acerca do tangível. O ser humano teria se acostumado a receber a sensação e não se preocupar em elaborar uma reflexão sobre essas e sobre os objetos. O homem teria permanecido por tempo demasiado em atitude resignada. A negação desse princípio seria precisamente o colocar em ação o senso crítico do sujeito que, a partir daquele momento, deixaria sua letargia e promoveria reflexões sérias acerca do revelado a ele<sup>12</sup>. A *epoché* (suspensão do curso dos pensamentos arraigados) não seria simplesmente a descrição despreziosa de um fenômeno. O desejo de superar a atitude natural e aprofundar a observação do objeto se apresenta como imprescindível para alcançar um conhecimento amplo e profundo. Somente assim a essência do fenômeno seria revelada. Ao mesmo tempo em que defende a descrição fiel de um evento, sujeito e objeto, a Fenomenologia estimula a superação do senso comum promovendo a reflexão do objeto.

*O mundo natural, tanto físico como psicológico, posto fora de circuito, também estão excluídas todas as objetividades individuais que se constituem mediante funções valorativas e práticas da consciência, todas as espécies de realizações da civilização, obras das artes técnicas e das belas-artes, das ciências*<sup>13</sup>

Ainda que aparentemente paradoxal, a tese husserliana se mostra surpreendentemente coerente. Nada adianta ao filósofo dedicar-se a uma empreitada se não for para realizá-la com qualidade. Portanto, seria mister colocar o objeto entre parênteses, para assim abrir caminho para o desvelamento da essência, a saber, para o que ele é verdadeiramente. Isso por que Husserl não era adepto da proposta cética segundo a qual a verdade

<sup>12</sup> FERREIRA, op. cit., p. 72.

<sup>13</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006, p. 131.

seria inalcançável<sup>14</sup>. Acreditava na viabilidade de se alcançar a verdade. Tanto é assim que advogava em defesa desse princípio, posicionando o sujeito como substância indispensável para o êxito da empreitada.

Husserl colocava o ser humano como centro de toda atitude temporal e espacial, ou seja, todo objeto existente está em determinado ponto, tendo a pessoa como referência. Não haveria nada sem a consciência humana desse algo. O ser humano é quem dá sentido às coisas, que são insensatas. Essa postura husserliana seria explicada através da *intencionalidade*, onde o homem, enquanto integrante da natureza, determina se os objetos estão próximos ou distantes, dependendo do lugar que ele ocupa.

Resta estabelecer, entretanto, como pode o ser humano estar imóvel por desejo próprio e, ainda assim, servir de parâmetro para objetos que estão claramente em movimento. Seria mais adequado afirmar que a captação de deslocamento é uma sensação exclusiva do ser humano. Dessa maneira, a assimilação desse postulado seria mais inteligível, porque, da forma como é exposta, obriga o analista a desconsiderar elementos que são confirmações constatadas mecanicamente.

Segundo Carlos Alberto Ribeiro de Moura<sup>15</sup>, a redução fenomenológica impede que o sujeito teça qualquer categoria de comentários afirmativos sobre o mundo “puro e simples”. Ela suspenderia a realidade. Essa seria uma das grandes virtudes do método. Inspirado por Descartes, promoveria o conhecimento do fenômeno e não apenas do objeto, porque esse último poderia desaparecer; mas, o fenômeno permaneceria enquanto atitude consciente.

Husserl afirma nas *Ideias*:

*A fenomenologia pura ou transcendental não será fundada como ciência de fatos, mas como ciência de essências, (como ciência “eidética”); como uma*

<sup>14</sup> FERREIRA, E. C. A fenomenologia husserliana e a ruptura com a tese da atitude natural. *Tempo da Ciência*. 2006, p. 76.

<sup>15</sup> MOURA, Carlos Alberto. *Prefácio*. In: HUSSERL, E. *Idéias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006, p. 17.

*ciência que pretende estabelecer exclusivamente "conhecimentos de essência" e de modo algum fatos. A redução aqui em questão, que leva do fenômeno psicológico à "essência" pura ou, no pensamento judicante, da universalidade fática ("empírica") à universalidade de "essência", é a redução eidética.<sup>16</sup>*

Muito interessante, a abordagem adotada aqui por Husserl. Por um lado, deixa evidente a negação de que a Fenomenologia por ele defendida outorgue, para si, a posição de advogada de uma ciência de fatos. Ao contrário, expõe de maneira clara e lúcida que seu interesse está direcionado para a essência revelada. Deixa para outros a ambição de descrever situações factuais, para se dedicar com grande empenho na descrição e conhecimento das essências. A preparação para essa empreitada é elaborada de maneira a impedir que elementos externos e estranhos prejudiquem referida absorção da essência. Com isso, elabora a redução eidética que, segundo palavras de Carlos Alberto Moura<sup>17</sup>, foi diretamente influenciada pelas proposições cartesianas.

Essa perspectiva é compartilhada por Abbagnano<sup>18</sup>, ao demonstrar que a redução eidética visa separar os fenômenos psíquicos de suas peculiaridades reais, para conduzi-los ao âmbito da generalidade essencial, alcançando um estágio onde o fenômeno seria transformado em essência. Não obstante, ressalta-se o aspecto segundo o qual a essência não significa o rechaço ou exclusão da percepção.

Ao intencionar chegar ao mais profundo do objeto, Husserl poderia ser erroneamente interpretado como se estivesse negando a intuição ou o próprio objeto, mas não é isso que ele está a defender. Sua intenção é demonstrar que o sujeito possui uma consciência de um dado objeto, que pode *aparecer* ou *ser*, dependendo da perspectiva que tem de suas próprias

<sup>16</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica* 2006, p. 28.

<sup>17</sup> Cf. MOURA, C. A. *Prefácio*. In: HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006.

<sup>18</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2007, p. 438.

experiências, as quais podem estar maculadas. Por isso, a necessidade da suspensão.

O anseio husserliano de suspender conceitos preconcebidos chagava a tão alto patamar que, no texto introdutório de sua obra *ideias*, ele enuncia seu desejo de empregar um vocabulário inovador, a fim de se evitar a utilização de vocábulos já viciados, carregados de equivocidades. Isso demonstra duas características. Primeiro: o pensador não era apenas um teórico, pois se esforçava para livrar sua obra de termos antigos, em desuso, que pudessem contaminar seu discurso. Segundo: que o exercício de superação proposto era árduo, ainda mais porque ele não logrou pleno sucesso nesse intuito, ao ter que submeter seu texto às expressões e conceitos largamente empregados pelas filosofias predecessoras<sup>19</sup>.

### 3. DISTINÇÃO DO EMPREGO DE VOCABULÁRIOS FILOSÓFICOS

Como apontado, Husserl elaborou sua obra de maneira a afastá-la dos vícios presentes no pensamento ocidental. Para tanto, formulou um novo vocabulário filosófico no qual encontramos a transcendência, a redução fenomenológica e o *eu puro*, a seguir examinados.

A transcendência perpassa toda a obra husserliana. Não obstante, essa constatação há de se advertir acerca de alguns matizes dados a essa expressão, na proposta fenomenológica. Se para grande parte dos filósofos “transcendência” significava algo além das possibilidades mentais do ser humano, para Husserl<sup>20</sup> expressava algo contíguo à consciência; mas não como realidade, senão como penumbra do objeto. Algo um pouco confuso de assimilar, porque estaria junto, ao mesmo tempo em que, não constituiria a coisa, como ele costumava explicar. O ser da coisa seria transcendente, e não imanente conforme definição de Abbagnano<sup>21</sup>. Por sua vez, a redução fenomenológica promoveria, como dito anteriormente, a suspensão dos

<sup>19</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006, p. 130.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>21</sup> ABAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 2007, p. 970.

valores naturais, até esse ponto a proposta se apresenta viável. O problema que encontramos diz respeito à alardeada dificuldade de compreensão dos textos husserlianos, pois há textos que categorizam a Fenomenologia como uma filosofia que parte da experiência, no entanto, encontramos em Husserl elementos que nos levam a crer numa suspensão dos valores naturais, que beiram o absoluto. Diz ele:

*É óbvio, em primeiro lugar, que, com o mundo natural, tanto físico como psicofísico, posto fora de circuito, também estão excluídas todas as objetividades individuais que se constituem mediante funções valorativas e práticas da consciência, toda espécie de realizações da civilização, obras das artes técnicas e das belas-artes, das ciências e toda forma de valores estéticos e práticos.<sup>22</sup>*

Verificamos o completo rechaço a qualquer interferência por parte do sujeito. Essa atitude, se possível, conduzi-lo-ia à ansiada descrição do fenômeno, sem nenhuma atribuição de valor acerca dele, seria, portanto, a revelação mais pura do fenômeno. Não obstante, essa solução nos aparece extremamente utópica. Se fosse possível realizar determinada ação, teríamos de considerar como viável a separação do ser humano de tudo aquilo que lhe rodeia, incluindo a consciência de si mesmo, uma vez que não pode ser dissociada de outros elementos, tais como aspectos identitários.

A fim de oferecer uma alternativa para solucionar esse imbricado problema, o filósofo formulou ou aprimorou a noção de um *eu puro*<sup>23</sup> que se sobressairia ao ser humano, posto que seja um ser natural e, portanto, poderia ser suspenso. Assim, o *eu puro* estaria livre de juízos de valores permanentes.

Certamente, esse aspecto da teoria husserliana se assemelha em grande medida ao ceticismo. No entanto, é preciso considerar o embate travado

<sup>22</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006, p. 131.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 132.

pelo filósofo contra o que denominava psicologismo, no qual se encontraria o ceticismo radical<sup>24</sup>. Estabelecesse de maneira categórica a impossibilidade de convivência do ceticismo com a Fenomenologia, ainda que coexista em ambas o anseio de colocar entre parênteses os saberes *a priori*.

O *eu puro*, após a redução fenomenológica, não seria encontrado em nenhum lugar. Ele é parte constituinte da situação vivenciada, mas desaparece caso a situação deixe de ser vivenciada pela consciência. Compreenderíamos esse postulado como o dito de que o *eu puro* possui uma vida efêmera, cuja razão de existir é possibilitar a captação de um fenômeno da maneira mais incólume que se possa vislumbrar. Partia do princípio da inviabilidade de se limitar o fenômeno a um aspecto psicológico, onde cada sujeito construiria uma versão dos acontecimentos, era preciso estabelecer normas bem delimitadas, a fim de gerar resultados confiáveis. Mais uma razão para combater correntes de pensamento que advogavam a existência de verdades obtidas pelo correto emprego do pensamento<sup>25</sup>.

#### 4. ALÉM DA PERCEPÇÃO SENSÍVEL

A transcendência divina seria distinta à transcendência mundana. Husserl ofertava assim uma nova maneira de se compreender o transcendental, que desde os filósofos da antiguidade clássica percebiam-na como a incapacidade humana de apreender algo por si mesma, com sua própria capacidade mental<sup>26</sup>.

O que é vivido como verdadeiro não pode entrar em contradição com o que consideramos verdadeiro. Pensamento que nos conduz a refletir acerca da suposta dependência que o sujeito teria em relação ao âmbito psicológico. Husserl defendia a autonomia do verdadeiro, onde o caráter psicológico não poderia interferir no julgamento, baixo responsabilidade de julgar algo, segundo critérios preconceituosos ou irrealis. Eis, portanto, o ambicioso

<sup>24</sup> STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea*. 1977, p. 59.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>26</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006, p. 134.

projeto de delimitar um espaço para a atuação da *psique*, desde onde não poderia interferir nas descrições e considerações tecidas de dado objeto<sup>27</sup>.

Ainda que exista como princípio a redução de temas e conceitos, há de se primar por uma ação responsável. Por isso, não seria viável ou possível a redução de tudo que passa pelo saber humano. A lógica e a ontologia formal estariam fora do âmbito de ação da redução fenomenológica. Tampouco, estaria apto a ser “reduzido” o conhecimento da essência. Quiçá, por se tratar de antemão de um saber já livre de ideias preconcebidas, cujo caráter seria mais puro. Portanto, empregariamos a definição apresentada por Abbagnano<sup>28</sup>, para afirmar que seria a revelação da essência – ou, segundo vocábulo adotado por Husserl, *eidético* – resultante da redução. Isso seria cabível desde que se considerasse como caminho a ser traçado, o emprego da consciência pura. Dessa maneira, cairíamos num espaço ideal, onde ocorreria a descrição metódica do objeto<sup>29</sup>.

## 5. EXPERIÊNCIA: ELEMENTO FENOMENOLÓGICO?

Para a captação essencial do objeto, Husserl consideraria os seguintes princípios: “um signo sensível só se torna expressão através de atos que lhe dão sentido, que lhe conferem uma significação”<sup>30</sup>. Percebemos dessa afirmativa a intencionalidade do ato, bem como o valor do ato, que em determinada situação parece depender da experiência, tornando-as necessárias a fim de legitimar e melhor fundamentar a descrição do fenômeno. Isso permitiria a formulação de concepções como as de Wojtyła<sup>31</sup>, que utilizou os postulados fenomenológicos para embasar sua argumentação acerca da experiência do homem e da filosofia da pessoa, bem como ao tratar de temas como a consciência e o *eu (ego)*.

A percepção interna das experiências, a intencionalidade e o entrelaçamento das vivências psíquicas capazes de serem verificadas

<sup>27</sup> STEGMÜLLER, op. cit., p. 62.

<sup>28</sup> ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 2007, p. 308.

<sup>29</sup> HUSSERL, E. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. 2006, p. 135.

<sup>30</sup> STEGMÜLLER, W. *A filosofia contemporânea*. 1977, p. 67.

<sup>31</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona y acción*. 1982.

empiricamente formam a consciência do sujeito.<sup>32</sup> No caso de Husserl, *consciência* era considerada como a primeira definição, onde um objeto seria visado sem, no entanto, estar presente nela um objeto ou algo correspondente previamente. Dessa maneira, seria excluída a possibilidade de concomitância de um objeto real com outro ideal preexistente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, o método desenvolvido por Edmund Husserl é radical, pois rompe com vários conceitos e preceitos estabelecidos, como a descrição do fenômeno daquilo que se revela, bem como a suspensão, com intuito reflexivo, quando coloca em xeque os saberes e as definições consagradas, por serem obtidas supostamente de maneira imprecisa. Toda essa atividade nos leva a considerar possibilidades artísticas, como as citadas no princípio, mas também a atitudes filosóficas, como as adotadas por Karol Wojtyła, como heranças dos postulados de Edmund Husserl, com destaque para a *redução* ou a colocação do objeto entre parênteses, do *eu puro* e da consciência.

A Fenomenologia se apresenta mais como metodologia do que como filosofia especulativa. É uma tentativa de refundar a Ciência, partindo de elementos básicos, como: a capacidade de se alcançar ou não o objeto, a imparcialidade do analista, o aprofundamento do exame e a intuição ou o papel da experiência, que chamou a atenção de outros pensadores do século XX, tornando-a de certa maneira aplicável a estudos variados e por intelectuais muitas vezes antagônicos, que partiram das propostas de Husserl para confirmá-la ou contestá-la. De todas as maneiras, poder-se-ia definir que é um marco no pensamento ocidental.

---

<sup>32</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona y acción*. 1982, p. 68.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DEPRAZ, Natalie. *Compreender Husserl*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FERREIRA, Elizia Cristina. A fenomenologia husserliana e a ruptura com a tese da atitude natural. *Tempo da Ciência*. Unioeste, n. 6, 2006. Disponível em: <[revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/1546/1262](http://revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/1546/1262)>. Acesso em: 02 de maio de 2009.

HUSSERL, Edmund. *Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia*. São Paulo: Madras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Investigaciones lógicas*. Madrid: Alianza editoriales, 2001.

\_\_\_\_\_. *La Filosofia como ciencia estricta*. Buenos Aires: Nova, 1973.

\_\_\_\_\_. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias e letras, 2006

\_\_\_\_\_. *La Filosofia como ciencia estricta*. Buenos Aires: Nova, 1973.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira, 2002.

MOURA, Carlos Alberto. *Prefácio*. In: HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma filosofia fenomenológica pura e para uma filosofia fenomenológica*. Aparecida: Ideias e letras, 2006.

NASCIMENTO, Evando. A solidariedade dos seres vivos: Entrevista com Jacques Derrida. *Caderno Mais*, São Paulo, 27/05/2001, Disponível em: <http://www.derrida.ufjf.br/entrevistas.htm>. Acesso em: 14 de jun. 2009.

NAVARRO, Javier Herrera. El joven Picasso en el Museo del Prado. *Boletín del Museo del Prado*, v. 15, n. 33, p. 59-70, 1994.

STEGMÜLLER, Wolfgang. *A filosofia contemporânea*. São Paulo: Edusp, 1977.

TEIXEIRA, Danilo Alves. "Prolegômenos" à Crítica Husserliana ao Historicismo. *Cadernos de Ética e Filosofia Política (USP)*, v. 8, p. 119-129, 2006.

WOJTYLA, Karol. *Persona y acción*. Madrid: Católica, 1982.